TL89

MISSÃO PAZ EM TIMOR

INDONERVOS
As reacções da Indonésia

TIANANMEN e SANTA CRUZ
Faces da mesma moeda

«A VOSSA MISSÃO É ADMIRÁVEL»
Alain Nairn, jornalista americano

100 NOMES POR UMA MISSÃO

A MISSÃO CONTINUA

POR TIMOR

Por Timor é fácil falar. Meia dúzia de frases feitas e algumas ideias óbvias resultam quase sempre, embora não adiantem muito.

Mais difícil é **fazer** algo.

Aí, o consenso já não é imediato. Pelo contrário, a crítica é fácil e barata.

Recentemente, muitos criticaram a intenção dos deputados portugueses de irem a Timor, profetizando matanças e desgraças. Os deputados não foram. Apesar disso aconteceu o massacre, sucederam-se as mortes e as prisões. Levantou-se então uma onda de críticas apontando o dedo à suspensão da visita parlamentar. Críticas por ir; críticas por não ir. Tudo é criticável, sobretudo por quem nada faz.

A Missão Paz em Timor não tem escapado ao «tiroteio».

Algumas vozes acusam-na de acção demagoga, de irresponsabilidade juvenil, de desperdício de dinheiro.

Do outro lado, o chefe das Forças Armadas indonésias também já classificou a missão de «iniciativa louca e sem significado».

No entanto, apesar de ventos e marés, a Missão continua.

Timor precisa da nossa voz para recordar ao Mundo o seu calvário. E se seis minutos de televisão valeram mais do que quinze anos de outras acções, é importante tirar daí as devidas conclusões... e aplicar a fórmula certa.

Fará o Mundo alguma coisa?

Eis a grande interrogação. Mas se sensibilizado pelas acções do Greenpeace proibiu a caça às baleias e às focas, talvez não suporte, depois do apelo do «Lusitânia Expresso», a acusação de nada fazer para a defesa de vidas humanas em Timor-Leste.

Assim seja possível concretizar até ao fim esta Missão. E para isso precisamos da sua ajuda.

«OS JOVENS PERDERAM O MEDO DA MORTE»

Chegou há um ano apenas. Foi perseguido, preso e torturado. Conseguiu sair com a ajuda de organizações internacionais. Uma história mais a juntar ao enorme e sangrento cadastro que pende sobre os indonésios.

D. — Tinha sete anos quando se deu a invasão indonésia. Vi-os a metralhar, numa praia, muitos familiares, amigos e desconhecidos. Vi com os meus olhos essa tragédia. Depois seguiram para as casas, violaram as mulheres e levaram os homens. Nunca mais deixei de ver estas imagens horríveis, nunca mais me esqueci.

— Como conseguiu sair do território?

— Integrado num programa de repatriamento da Cruz Vermelha.

— Porquê?

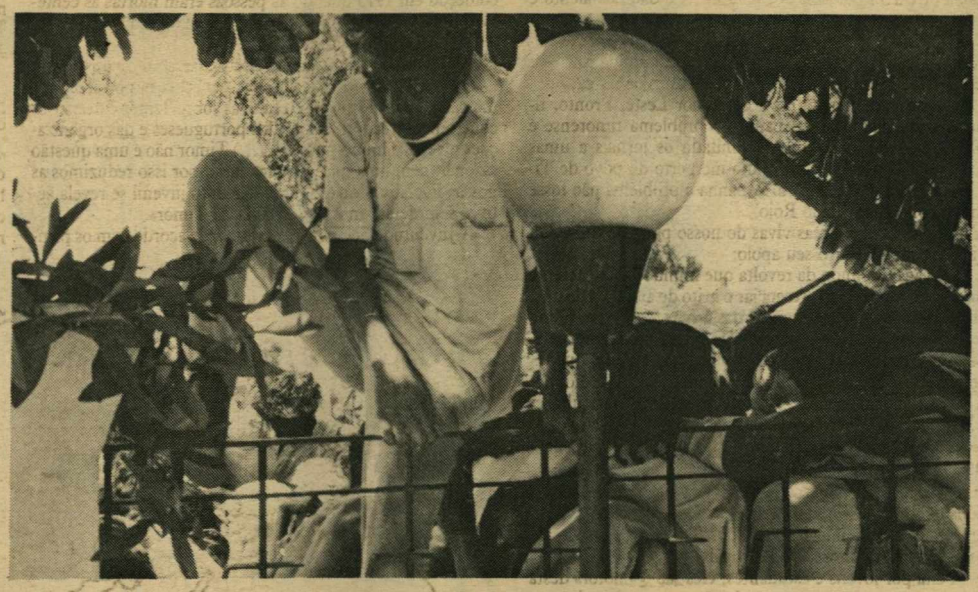
— Duas razões. Uma, para acompanhar os meus pais pois se eu ficasse a saída deles ficava comprometida. Outra foi a de a frente clandestina me ter encarregue de fazer eco do que se passava dentro de Timor. Durante muito tempo os timorenses não conseguiram transmitir para fora do território o sofrimento que estavam a viver.

— O que fazia antes de sair de Timor?

— Estudava no Externato de S. José, a única escola que ensinava a língua portuguesa e trabalhava na ajuda da causa timorense. Desempenhei um papel como vice-secretário do Comité Executivo do CNRM, o órgão máximo da Resistência Timorense.

— Que actividades principais organizaram?

— Entre muitas outras, organizámos uma manifestação quando o Papa foi a Timor, pois sabíamos que era uma boa altura para o mundo nos ver... estavam lá muitas televisões e jornalistas, poderíamos mostrar à comunidade internacional o sofrimento do nosso povo.



— Sei que foi preso...

— Sim, depois da manifestação eles perseguiram-nos mas não me conseguiram apanhar. Foram a minha casa e tomaram como reféns a minha família, para forçar a minha entrega. Mas nós (eramos 40), refugiámo-nos em casa do Bispo D. Ximenes Belo. Como nos recusámos a entregar, eles cercaram a casa com dois batalhões e dois blindados e ameaçaram-nos que nos levariam a nós e ao Bispo. Reflectimos na importância do papel do Bispo e saímos.

— Levaram-nos para onde?

— Para um campo de interrogatório, que pertence à polícia... mas os polícias tinham sido substituídos pelos boinas vermelhas. O interrogatório não nos conseguiu tirar nada e mandaram-nos para as barracas dos comandos. Aí fomos barbaramente torturados. Metade foram libertados depois da tortura.

— E os restantes?

— Ficámos cerca de quinze que foram sendo soltos até ficarmos só 5.

Recomeçou o interrogatório intervalado com sessões de murros e grandes pancadarias. Queimaram-me com cigarros.

Então, apresentaram-nos a carta onde dizia que aceitávamos a integração na Indonésia e pediamos desculpa pelo nosso procedimento. Não assinámos.

Recomeçou tudo de novo. Nova pancadaria e desta vez com choques eléctricos. Puseram-me um grampo em cima do coração que ligaram directamente à tomada. Depois sentaram-me numa cadeira de metal e com um botão iam regulando a intensidade dos choques eléctricos. Por fim levaram-me para uma cela onde fiquei 3 meses e de onde só saí por intervenção das organizações internacionais.

— São frequentes estas atitudes?

— Todos os jovens que são capturados pelos indonésios sofrem estas torturas ou piores. Com a repressão existente e com estas torturas, os jovens perderam o medo da morte. Preferem morrer com honra a continuar a sofrer desta maneira.

— O que pensa da Missão Paz em Timor?

— Penso que é um modo inteligente de chamar a atenção do Mundo para o nosso problema. Tenho recebido notícias que em Timor, esta missão está a ser aguardada com muito entusiasmo, embora tenham medo que aconteça o mesmo que aconteceu à outra visita que estava prometida e que não se realizou.

— Conhece bem D. Ximenes Belo, como interpreta as suas palavras em relação à missão?

— Depois da prisão de Mau Huno os indonésios acusaram o Bispo de estar implicado com a resistência e a sua situação é agora muito delicada. Eu penso que ele não poderia dizer outra coisa. No entanto, interpreto estas palavras de D. Ximenes como uma forma de encorajar a missão. Dizendo que temia as represálias indonésias, é uma forma de dizer ao mundo o que se passa por lá. Não acredito que o Bispo esteja contra esta Missão de Paz.

D. tem por missão fazer eco do que se vive dentro do território timorense mostrando ao mundo que o seu povo está a ser dizimado. Uma missão que dificilmente conseguirá cumprir sozinho.

E O QUE PENSAM OS TIMORENSES?

«Quero e desejo que, ao pisarem a minha amada ilha, sintam-na por todos nós...»

(L.S.N., 18 anos, timorense)

Desde o primeiro anúncio público da viagem do Lusitânia que as reacções dos próprios timorenses não se fizeram esperar. Como se esperava, aliás. Com efeito, um dos factores que foi cuidadosamente ponderado em toda a preparação dizia respeito à resposta do próprio povo de Timor, incluindo a possibilidade de consequentes retaliações indonésias. Era um dado importante a consulta ao povo da região, para se avaliarem as possíveis consequências da Missão.

Respondendo então às nossas dúvidas e consultas, começaram a chover as reacções de encorajamento. Dos mais variados sectores da população, fontes no local, timorenses em Dili, Jacarta, Austrália e no nosso país, meios de comunicação social nacionais e estrangeiros, deputados e autoridades, a resposta era unânime: o Lusitânia, encarregado de levar a bom porto a Missão Paz em Timor, deveria aportar a Dili e cumprir o que todos ansiavam.

Apesar da reacção prudente do Bispo de Dili, motivada certamente por ameaças pendentes e pelo receio da repetição do massacre de Novembro, todos os sectores interessados compreenderam a necessidade da missão seguir por diante. Naturalmente que a hipótese de cancelamento seria considerada se o seu objectivo fosse apenas visitar D. Ximenes Belo. Em contrapartida, outros sectores católicos da região afirmaram expressamente «estar muito contentes com o amor demonstrado pela comunidade portuguesa para com os timorenses».

RAMOS HORTA, porta-voz de Xanana Gusmão, compara a viagem do Lusitânia às missões do GREENPEACE, embora estes estejam voltados não tanto para os Direitos Humanos, mas sim para o ambiente e preocupações ecológicas.

Considera-a uma missão «exclusivamente humanitária que ninguém de boa-fé deveria impedir», apelando à Indonésia para «agir com sensatez, permitindo que o navio chegue a Dili». Aos promotores da iniciativa manifesta o seu «apreço e total apoio», referindo que na Austrália existe já «uma grande reacção favorável, por parte da Imprensa e da comunidade em geral».

Disso mesmo nos falou JOÃO CARRASCALÃO, Presidente da UDT, em Sidney. A opinião internacional e sobretudo a passagem num programa de grande credibilidade e audiência do documentário sobre Timor realizado pela ITV (o mesmo que vimos há dias no programa «Primeira Página») provocou uma viragem significativa no sentir geral dos australianos quanto à Missão Paz em Timor, incluindo nos meios parlamentares. O continente passou assim a encarar com simpatia esta Missão, depois de inicialmente ter demonstrado uma atitude de cepticismo quanto às suas vantagens. Fala-se já do Lusitânia com alguma insistência e bastante interesse, o que motivou a adesão maciça da própria imprensa australiana ao projecto.

DOMINGOS OLIVEIRA, Secretário-Geral da UDT, relata as mensagens que tem recebido de Timor dizendo que «os timorenses esperam ansiosamente a visita do barco, embora receiem que a Indonésia use novamente de violência». São os próprios timorenses que dizem «nós sofremos, mas esperamos que deste nosso sofrimento algo de concreto e positivo venha para a nossa terra...»

Mesmo conscientes das represálias que poderão sofrer por ter esperança neste contacto, os timorenses em toda a parte manifestam-se claramente a favor do sucesso da Missão.

Fontes em Dili relatam que «a iniciativa está a ser recebida de braços abertos pela população, para quem todas as demonstrações de solidariedade são verdadeiramente importantes». Apelam a que «prossiga a viagem», mesmo apesar das «dificuldades que a Indonésia possa criar, insignificantes quando comparadas com as que faz incidir sobre os Direitos Humanos e a livre expressão e autodeterminação» a que os timorenses aspiram.

A resistência reafirmou «a importância da viagem», louvando «a coragem e a vontade de organizadores e participantes».

O povo local está expectante, vivendo já momentos de justificada ansiedade: «apesar de poderem ser alvo de retaliações, estão a preparar uma recepção ao Lusitânia. Se o barco atracar, os timorenses estarão lá para o receber». Conscientes do perigo que enfrentam, dizem contudo que certamente «os indonésios tentarão calá-los, mas desta vez teremos de ser ainda mais cautelosos e manter-nos-emos de vigia».

Entre as várias manifestações de apreço e encorajamento, comoveu especialmente pela sua profundidade e significado a carta de uma timorense de 18 anos residente no nosso país, que louva esta «demonstração de solidariedade para com o nosso povo, que também é vosso». «Ao pisarem a minha amada ilha», diz mesmo, «sintam como uma porção de terra, pobre e oprimida, pode ser enorme, sendo amada sem limites e com dor por muitos corações». Testemunho comovente de uma saudade imensa, que chega a pedir «uma mão cheia de terra» para voltar a sentir a terra onde nasceu.

O OUTRO LADO DAS PALAVRAS

Entre todos os comentários e opiniões sobre a Missão que nos últimos tempos têm vindo a público, uma declaração em particular causou grande polémica entre nós.

As supreedentes palavras de D. XIMENES BELO ao desaconselhar o prosseguimento da Missão, na passada semana, mereceram toda a nossa atenção. Aparentemente, a sua mensagem era evidente: a ida do «Lusitânia Expresso» só iria agravar a situação em Timor e eram depois os timorenses quem sofreriam as consequências.

De imediato, decidimos suspender a Missão durante 24 horas. Nesse período, realizámos uma ronda de consultas a várias fontes credíveis. Ouvimos personalidades ligadas à Igreja timorense, forças políticas, e especialistas em questões internacionais.

De todos os quadrantes, a opinião foi unânime: a Missão deveria continuar.

São essencialmente três as razões que nos levam a prosseguir:

1 — D. Ximenes Belo, que merece o maior respeito e suscita toda a solidariedade, vive um momento complexo e difícil. Os últimos acontecimentos em Timor fazem perigar todos os que lutam pelo fim da opressão indonésia. O próprio D. Ximenes parece estar directamente ameaçado por denúncias infundadas que o colocam numa posição muito delicada. Que opinião poderia, então, expressar? Que grau de liberdade dispõe para revelar a sua verdadeira opinião? Que consequências sofreria imediatamente se não recusasse a Missão?

2 — D. Ximenes Belo tem tido um acesso muito limitado à informação exterior. Nunca foi possível fazer-lhe chegar toda a estratégia da Missão. Não conhecerá, provavelmente, a sua dimensão internacional, a sua extensa cobertura pela Comunicação Social nacional e estrangeira, bem como os cuidados postos na sua segurança, previsão cuidada de cenários possíveis, viabilidade e eficácia esperada.

3 — Os indonésios usam sistematicamente os timorenses como reféns, transformando-os em «escudo humano». Já o fizeram em muitas ocasiões, a última das quais em Novembro passado. Usando o argumento de que aumentariam a repressão perante qualquer acção internacional, o regime indonésio tem paralisado as iniciativas de defesa dos Direitos Humanos. Mas será que devemos continuar a ceder ao argumento do «escudo humano»? Depois de terem morrido já 200 000 timorenses devemos quebrar perante a chantagem e a pressão?

É importante saber ler o outro lado das palavras de D. Ximenes. Reconhecer a chantagem a que o Administrador Apostólico de Dili está a ser sujeito pelos militares indonésios é essencial para receber as suas declarações que acima de tudo deixam um apelo: «se nada for feito depois da visita do Lusitânia, nós vamos continuar a sofrer. Os estudantes regressam às suas terras e nós é que apanhamos». Se o mundo nada fizer, agora e depois, os timorenses pura e simplesmente desaparecerão. Remando contra essa marcha trágica da história, a Missão Paz em Timor irá até ao fim.

TODOS NÃO SEREMOS DEMAIS

O Lusitânia partiu.

Por cá, ultimam-se os preparativos. Contactos, financiamento, viagens e vistos são alguns dos problemas com que nos debatemos todos os dias. Não é tarefa fácil, mas animanos a certeza de que esta é a nossa Missão. Não só daqueles que organizam, mas de todos... sem excepção.

Os ecos, que reforçam esta certeza, chegam-nos de todo o lado. Por carta, por fax, por telefone... e dão-nos alento e forças para continuar.

O apoio do estudante espanhol que frequenta a Universidade de Coimbra e que nos diz que a razão da sua carta é a solidariedade, é apenas um exemplo. «Antes de vir cá, nunca tinha ouvido falar do povo de Timor Leste. Pronto, fiquei sensibilizado. Em Espanha, o problema timorense é quase desconhecido, tendo-se limitado os jornais a umas poucas linhas sobre o caso. Sinto-me perto do povo de Timor Leste e gostaria que em Espanha o problema não fosse esquecido.» (Juan Liedo Rojo).

As instituições e forças vivas do nosso país não quiseram deixar de manifestar o seu apoio:

— «A vaga de fundo da revolta que inundou o indiferente e agnóstico mundo, ao presenciar o grito de angústia de uns, entrecortado com o matraquear das armas, sobre um fundo de oração feita na nossa língua, teve comcerteza maior consistência e maior ressonância (...) na alma daqueles que representamos. Por isto, (...) podem contar com o apoio moral e institucional da CAP — Confederação dos Agricultores de Portugal, na concretização deste vosso gesto de dar voz às razões daqueles que o barulho das armas pretende silenciar».

Da «terra», chegou-nos outro gesto de solidariedade, «Considerando a situação preocupante que se vive em Timor Leste, a vossa iniciativa tem o total apoio da Associação dos Jovens Agricultores de Portugal».

— Feita por jovens e estudantes, eles são o «motor» desta iniciativa, porque não querem deixar esquecer, mais uma vez, o drama do povo timorense.

No Lusitânia, vão estar membros de 14 Associações de Estudantes de todo o país, representando a sua cidade: a Federação Académica do Porto, a Associação Académica de Coimbra, a Associação Académica de Lisboa, a Associação de Estudantes da Universidade de Aveiro, a Associação Académica da Universidde de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Associação Académica da Universidade do Minho, a Associação de Estudantes da Universidade do Algarve, a Associação de Estudantes da Universidade dos Açores, Associação Académica da Universidade da Beira Interior, a Federação Regional Académica do Baixo Alentejo, a Universidade de Évora, os estudantes da Guarda, de Santarém e da Madeira.

— Outros, não indo na Missão, não quiseram deixar de se solidarizarem connosco...

«A Juventude Centrista adere à iniciativa Missão Paz em Timor» (...) pois esta é, verdadeiramente, uma iniciativa séria, ao contrário de outras a que temos vindo a assistir, ao longo dos últimos meses, de pessoas e instituições que só agora se lembraram de Timor. Esquecem que o massacre começou em 1975 quando as pessoas eram mortas às centenas e atiradas para valas comuns. Hoje, como no passado, não esquecemos Timor».

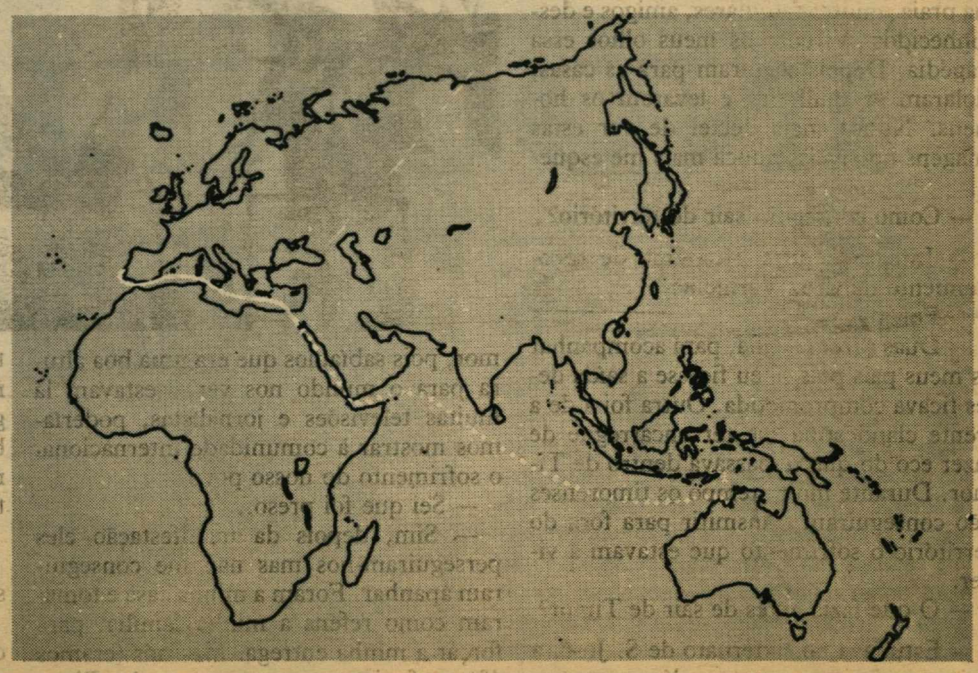
«A Juventude Socialista congratula-se com o lançamento da iniciativa «Missão Paz em Timor», cuja importância como catalizador de outras iniciativas sobre Timor e despertar consciências readormecidas dos portugueses e das organizações juvenis é inquestionável. (...) Timor não é uma questão sazonal, nem uma questão partidária, por isso reduzimos as nossas iniciativas quando o movimento juvenil se revela activo, sem deixar morrer a chama de Timor».

«A Juventude Social Democrática, de acordo com os princípios que nesta matéria tem defendido, não pode deixar de se associar a este evento, louvando a intervenção que os estudantes portugueses querem marcar, livre de quaisquer protagonismos meramente partidários (...) para manter viva a atenção internacional por este problema (...)».

Quisemos que esta iniciativa fosse não só portuguesa, mas de todo o mundo. E por isso divulgámo-la internacionalmente, assim como convidámos a partirem connosco rumo a Timor, representantes de 19 países. A receptividade tem sido enorme... e inquestionável.

Estudantes da China, Japão, Checoslováquia, Brasil, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Itália, Chile, entre outros já confirmaram a sua presença.

De Inglaterra, dois estudantes escreveram-nos: «Essencialmente esta Missão deve fazer uso de estudantes que saibam comunicar o seu entusiasmo e se empenhem na justa campanha para a instalação da paz e da democracia em Timor».



ADVOGAR POR TIMOR

A Ordem dos Advogados tem empenhado todos os seus esforços para apoiar os timorenses. São por demais conhecidas as recentes iniciativas da sua Bastonária, dra. Maria Jesus de Serra Lopes, tanto a nível interno, como nas mais altas instâncias internacionais. Como tem declarado, amiúde, os advogados portugueses são também, advogados do povo de Timor Leste. O apoio da Ordem à «Missão Paz em Timor» é mais uma manifestação dos advogados portugueses a favor da causa de Timor, declarando, a sua Bastonária, «que ante o genocídio dos nossos irmãos de Timor Leste, ante o sofrimento e a privação que lhes são infligidos, temos o direito e o dever de ingerir».

COMO EM TIANANMEN

O massacre de Santa Cruz em Timor tem muito em comum com a chacina que os dirigentes chineses ordenaram em Tiananmen, na China. Em ambos os países existem situações de opressão. Tanto num lado como noutro, alguns dos principais resistentes, e depois as maiores vítimas do apressor, foram os estudantes. Nos dois casos, e por conveniências várias, houve, e há, quem pretenda esquecer. Na China, assim como em Timor, o estado das coisas tem qualquer coisa de arcaico: a força bruta e os regimes de medo são, ou deveriam ser, coisas do passado.

Santa Cruz, e também Tiananmen, foram momentos simbólicos de coragem e resistência à opressão: através das imagens de televisão das chacinas feitas contra pacíficos manifestantes, por tanques num lado, pelas metralhadoras no outro, o mundo tomou conhecimento de situações sistemáticas e continuadas de violações dos direitos humanos e desrespeito pela vida.

Muitas semelhanças existem: mas mais que a enumeração de um lamentável passado comum, contam os factos actuais. Neste momento, está confirmada a adesão do movimento estudantil chinês no exílio à missão «PAZ EM TIMOR».

Um representante da CASA CHINESA PARA A DEMOCRACIA e da FEDERAÇÃO PARA A DEMOCRACIA NA CHINA, estará a bordo do LUSITÂNIA EXPRESSO, tendo confirmado a sua presença por fax: **«As duas associações pensam que a vossa iniciativa tem um significado importante para todas as lutas que existem neste mundo pela democracia, e que os estudantes do mundo inteiro se devem juntar por um melhor futuro para os seus países. A ausência de um representante dos estudantes chineses e de um país com uma população tão importante seria lamentável numa iniciativa como a vossa e eu, pessoalmente, estou pronto a participar na vossa missão».**

Santa Cruz e Tiananmen são uma e a mesma coisa. A confirmá-lo, a declaração recente de Li Peng (o primeiro-ministro chinês que ordenou que os tanques avançassem sobre os estudantes), defendendo que Portugal nada tem a dizer sobre Timor.

Na China, como em Timor, as opções são simples e claras, e cada um sabe bem de que lado está.

HOMENS DO MAR COM A MISSÃO

A MISSÃO PAZ EM TIMOR conta com cada vez mais apoiantes. A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores do Mar, FESMAR, anunciou desde o início o seu apoio à Missão de estudantes e jornalistas que irá de Darwin até Dili a bordo do LUSITÂNIA EXPRESSO para homenagear as vítimas do cemitério de SANTA CRUZ.

A importância do apoio da FESMAR ultrapassa o nível meramente nacional. Através da solidariedade sindical que existe em todo o mundo, esta organização pediu à «International Transport Workers Federation» (ITWF), uma organização sindical internacional de grande projecção, a concessão de todo o apoio ao Lusitânia Expresso na sua viagem para Timor. A FESMAR pediu também a todos os navios que estejam nas proximidades do Mar de Timor a concessão de todas as facilidades ao navio.

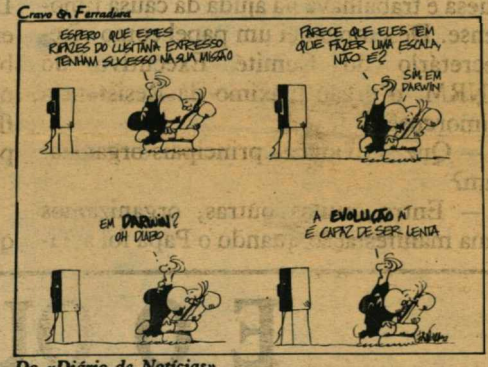
No mesmo sentido, a FESMAR contactou ainda a «Waterside Workers Federation of Australia», a sua congénere australiana, que também respondeu positivamente aos pedidos de apoio à MISSÃO PAZ EM TIMOR, tendo já dado início a diversos preparativos no sentido de ajudar ao seu desempenho. Para além de um apoio genérico de divulgação da missão nos meios de comunicação social australianos, esta organização empenhará os seus esforços em conseguir serviços portuários gratuitos para o LUSITÂNIA EXPRESSO, assim como em obter as menores taxas portuárias possíveis para o navio. Não foi a primeira vez, e não será certamente a última, que os sindicatos de todo o mundo têm um papel decisivo na defesa da Causa da Liberdade.

JORNALISTAS DIZEM «PRESENTE»!

Enquanto expressão de solidariedade humana para com o povo de Timor e como contributo para uma chamada de atenção do Mundo para os constantes atropelos dos mais elementares direitos humanos, o Sindicato dos Jornalistas, apoia a «Missão Paz em Timor». Trata-se de um apoio particularmente significativo do órgão representativo de uma classe que tem pautado a sua actuação pela defesa dos direitos humanos — entre os quais o direito a uma livre informação —, pela denúncia das arbitrariedades cometidas por quaisquer tiranos no Mundo e, no caso vertente, pela situação existente em Timor-Leste.

Aqui fica a sua declaração de apoio: «O Sindicato dos Jornalistas solidariza-se com a iniciativa 'Missão Paz em Timor', fazendo votos de que seja coroada de sucesso, a bem da defesa dos direitos humanos em Timor-Leste — entre os quais se inclui o direito a uma livre informação, negado, através da censura e da perseguição aos jornalistas, pelas autoridades indonésias de ocupação.»

Frederico Carvalho (PI'A direcção do Sindicato dos Jornalistas)


Cravo & Ferradura
ESPERO QUE ESSES RAPAZES DO LUSITÂNIA EXPRESSO TENHAM SUCESSO NA SUA MISSÃO
PARECE QUE ELES TEM QUE FAZER UMA ESCALA, NÃO É?
SIM, EM DARWIN
EM DARWIN? OH CUSPO
A EVOLUÇÃO NÃO É CAPAZ DE SER LENTA

Do «Diário de Notícias»

PORQUE É QUE A AUSTRÁLIA NOS VAI DEIXAR PASSAR

Toda a gente sabe que a Missão Paz em Timor é extremamente complexa e que lida com muitos imponderáveis.

Entre esses, especula-se com alguma frequência sobre o comportamento da Austrália, particularmente, sobre a presença do Lusitânia Expresso em Darwin.

À primeira vista, parace que aí a Missão poderá «encalhar».

No entanto, uma reflexão mais ponderada diz-nos que a Austrália vai deixar passar o navio sem qualquer problema.

Em primeiro lugar a presença do Lusitânia Expresso em Darwin acontece dentro da maior legalidade. É portador de todas as licenças de navegabilidade, nomeadamente a licença de longo curso e pode receber passageiros. Aliás, todos os participantes são portadores de bilhete de viagem no navio. **Darwin é apenas um ponto de escala.**

Em segundo lugar, esta viagem não tem como objectivo a Austrália. A única relação é o facto de aportarmos a Darwin e levarmos alguns cidadãos australianos. Darwin é o porto mais próximo do nosso objectivo, daí a escala. **Não pretendemos causar embaraços à Austrália.**

Em terceiro lugar, esta missão é pacífica, constituída na sua maioria por estudantes de países democráticos que partilham os valores da liberdade, democracia e direitos humanos. Exactamente os mesmos valores que a constituição australiana consagra. **Não cremos que a Austrália, com as tradições democráticas que tem, se oponha a esta iniciativa.**

Em quarto e último lugar, o povo australiano tem uma longa relação de amizade com o povo timorense. Independentemente dos interesses políticos e económicos, saberá compreender esta iniciativa e os altos valores por que pugna. Ainda não estão apagados da sua memória os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, em que contou com a ajuda dos timorenses para desalojar os japoneses da ilha de Timor. **Por estas razões, acreditamos que a Austrália nos vai deixar passar!**

«A vossa MISSÃO é admirável»

Alan Nairn está bem a par da realidade timorense. Conhecido jornalista americano, fazia uma reportagem em Timor quando se deram os acontecimentos de 12 de Novembro. Estava lá para cobrir a visita dos deputados portugueses e ficou.

Presenciou o massacre, tendo sido ele próprio vítima da brutalidade do exército indonésio e posteriormente desenvolveu uma campanha internacional a favor dos direitos humanos em Timor.

Nairn está portanto bem situado para avaliar a oportunidade e repercussões da Missão Paz em Timor. Quando contactado nos Estados Unidos, pronunciou-se entusiasticamente a favor da missão e exprimiu sem reservas o seu apoio: «A vossa Missão é admirável», foram as suas palavras categóricas. Segundo ele, a Indonésia aspira a tornar-se uma grande potência no contexto da ordem internacional, e isso leva-a a preocupar-se com a sua imagem externa. Acredita também que a Missão tem excelentes hipóteses de alertar o mundo para o problema de Timor, conseguindo assim o efeito pretendido.

Nairn rejeita qualquer possibilidade de os timorenses virem a sofrer mais retaliações por parte do governo indonésio. Sendo a situação neste momento muito má, é particularmente necessário fazer alguma coisa. Assim, na opinião de Alan Nairn, a Missão só poderá trazer benefícios.

INDONERVOS

Como também se previa, a reacção indonésia à Missão não se fez esperar. Três meses após o massacre de Santa Cruz, LOPES DA CRUZ, Conselheiro do Presidente SUHARTO, afirmou que o Lusitânia não irá atracar em Dili sem que uma autorização formal nesse sentido seja pedida a Jacarta, já que constitui «uma atitude de provocatória e não de paz». Considera a Missão como «apoiante de um grupo inimigo da Indonésia», e a acção que pretende realizar no Cemitério de Santa Cruz tem como objectivo a homenagem ao jovem Sebastião Gomes, «elemento contra a integração», pelo que a «autorização não será concedida».

O mesmo fora já sugerido pelo Governador MÁRIO CARRASCALÃO, ao considerar «pouco provável a autorização de Jacarta à entrada do Lusitânia em Dili». Claro que a decisão de pedir essa autorização não está nos planos da Comissão organizadora desta iniciativa, já que a anexação indonésia nunca foi reconhecida por Portugal, nem pela ONU. Carrascalão lembra que, para Jacarta, as águas de Timor são indonésias, e dá mesmo como provável a apreensão do navio «se a bandeira a bordo não for a da Indonésia», que seguramente não será.

No entanto, uma fonte próxima do governo de Jacarta, que pediu o anonimato, afirmou ser essa «uma decisão que certamente não seria bem recebida pela comunidade internacional».

Segundo o «Jakarta Post Daily», o Comandante Militar da Indonésia, TRY SUTRISNO, afirmou que «serão tomadas as medidas necessárias para impedir a passagem da embarcação por águas territoriais do país», embora não as tenha especificado. Apelidou a iniciativa de «louca e sem significado», e considerou que as Forças Armadas Indonésias «estão preparadas para responder a qualquer ameaça de distúrbios em qualquer parte do país».

Com efeito, conforme todos esperavam, incluindo a população em Timor, no terreno a situação continua precária. Fontes locais relatam que «as detenções e os interrogatórios — especialmente a sacerdotes e líderes comunitários — não param», alertando por isso à comunidade internacional para que «não esqueça Timor-Leste».

Sucedem-se os avisos e ameaças das autoridades indonésias. Mas são já impotentes para impedir o Lusitânia de levar a bom porto a sua Missão, numa clara demonstração de que, por vezes, a força da paz pode mais do que o poder das armas.

PRECISAMOS DA SUA AJUDA

Deposite o seu contributo na Conta
«MISSÃO PAZ EM TIMOR»

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

BANCO TOTTA & ACORES

MONTEPIO GERAL

Comissão «PAZ EM TIMOR». Rua da Prata, 185, 2.º - 1100 Lisboa. Tel.: (01)3479347/9 - Fax: (01)3476518

100 NOMES PELA MISSÃO

Gen. Ramalho Eanes
D. Duarte, Duque de Bragança
Dr. Francisco Pinto Balsemão
Eng. Eurico de Melo
Dr. Rui Machete
Prof. Diogo Freitas do Amaral
Dr. Jorge Sampaio
Prof. André Gonçalves Pereira
Prof. Ernani Rodrigues Lopes
Prof. Mário Pinto
Dr. Rui Vilar
Eng. Álvaro Barreto
Eng. Roberto Carneiro
Eng. António Guterres
Eng. Carlos Pimenta
Dr. Henrique Granadeiro
Prof. Marçal Grilo
Dr. Bagão Félix
Prof. Machado dos Santos (Pres. Conselho de Reitores Univ. Port.)
Prof. Meira Soares (Reitor Univ. Lisboa)
Prof. Alberto Amaral (Reitor Univ. Porto)
Prof. Daniel Serrão (Univ. Porto)
Dr. António Pinto Leite
Dr. Hermínio Ferreira
Dr. Fernando Gomes
Dr. Isaltino Morais
Prof. Barbedo de Magalhães
Eng. António Ravara (CNJ)
Dr.ª Teresa Costa Macedo (CNAF)
Dr. Vítor Direito
Pereira Lopes (Pres. UGT)
Torres Couto
Rui Oliveira e Costa
Rui Pêgo
Dr. Paulo Portas
Joaquim Vieira
Carlos Cruz
Maria João Avillez
Mário Robalo
Deputado Duarte Lima (Líder da bancada do PSD)
Deputado José Puig (PSD)
Deputado Miguel Macedo (PSD)
Deputado Pedro Passos Coelho (Presidente da JSD)
Deputado Jaime Milhomens (PSD)
Deputado Luís Pais de Sousa (PSD)
Deputado Fernando Pereira (Secretário Geral da JSD)
Deputado Macário Correia (PSD)
Deputado Vítor Raposo (PSD)
Deputado Telmo Moreno (PSD)
Deputado Fernando Amaral (ex-presidente da AR e vice-presidente da Ass. Parlamentar do Conselho da Europa) (PSD)
Deputado Jorge Paulo Cunha (PSD)
Deputado Miguel Relvas (Pres. Comissão de Juventude) (PSD)
Deputado Duarte Rogério Pacheco (PSD)
Deputado António Maria Pereira (Presidente da Comissão dos Direitos Homem) (PSD)
Deputado Amaro Viegas (PSD)
Deputado Eduardo Pereira da Silva (PSD)
Deputado Melchior Ribeiro Moreira (PSD)
Deputado António Paulo Pereira Coelho (PSD)
Deputado Carlos Almeida Figueiredo (PSD)
Deputado Carlos Marta Gonçalves (PSD)
Deputado Luís Nobre (PSD)
Deputado Rui Carp (PSD)
Deputado Conceição Rodrigues (PSD)
Deputado Margarida Silva Pereira (vice-pres. bancada do PSD)
Deputado Dinah Alhandra (PSD)
Deputado Fernando Antunes Silva (PSD)
Deputado Pedro Campilho (PSD)
Deputado João Mota (PSD)
Deputado Ferraz Abreu (Presidente do PS)
Deputado António Costa (PS)
Deputado Miranda Calha (PS)
Deputado João Rui Almeida (PS)
Deputado Eduardo Ferro Rodrigues (PS)
Deputado Jorge Lacão (PS)
Deputado Mário Videira Lopes (PS)
Deputado Armando Vara (PS)
Deputado Vítor Caio Roque (PS)
Deputado José Lamego (PS)
Deputado António José Seguro (presidente da JS)
Deputado Marques da Costa (PS)
Deputado Arons de Carvalho (PS)
Deputado António Campos (PS)
Deputado José Magalhães (dep. independente do PS)
Deputado Rui Cunha PS
Deputado Luís Sá (PCP)
Deputado João Amaral (PCP)
Deputado José Manuel Maia (PCP)
Deputado Nogueira de Brito (CDS)
Deputado Manuel Queiró (CDS)
Dr. Luís Nobre Guedes
Prof. Michel Renaud
Dr. Luís Filipe Barreto (Univ. Nova de Lisboa)
Prof. Luís Aires de Barros (Univ. Técnica de Lisboa)
Prof. Carvalho Guerra (Univ. Católica Porto)
Prof. Leonor Buescu (Univ. Lisboa)
Prof. Teodoro Matos (Univ. Lisboa)
Prof. José Tribolet (INESC Univ. Técnica de Lisboa)
Diogo Vasconcelos (Pres. Federação Acad. Porto)
Fernando Guerra (Pres. Ass. Académica Coimbra)
Gabriela Seara (Pres. Ass. Acad. Lisboa)
Pedro Soares (Pres. Ass. Estudantes Univ. Aveiro)
Paulo Colaço (Pres. Ass. Acad. Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro)
Álvaro Santos (Pres. Ass. Acad. Univ. Minho)
André Louro (Pres. Ass. Estudantes Univ. Algarve)
António Garcez Marques (Pres. Ass. Acad. Univ. Beira Interior)
Henrique Pereira de Matos (Federação Regional Académica do Baixo Alentejo)
Francisco Caldeira Cabral (Universidade Évora)
Prof. Moniz Pereira
Luís Represas (Trovante)
Miguel Ângelo (Delfins)
Glória de Matos
Paco Bandeira
Mafalda Veiga
Carlos Alberto Moniz
Pedro Burmester